

OS RIBEIRINHOS NO CONTEXTO DA REALIDADE AMAZÔNICA: ESCOLA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Maria Aldecy Rodrigues de Lima¹

Erika dos Reis Gusmão Andrade²

Resumo

Os moradores da Amazônia vivenciam situações de contato com a natureza constantemente. Em Mâncio Lima – AC, a situação geográfica se faz cortada por rios, matas virgens, cachoeiras naturais, serras, animais selvagens, populações tradicionais, que são tão naturais aos seus moradores quanto um volante a um motorista profissional. Ali, quando o dia amanhece e o sol assume a sua posição de astro rei, trava-se a bela luta entre a força das águas e o arbítrio do sol. Seus raios contagiam os moradores, que, ao cantar do galo, já estão em pé. É nesse panorâmico cenário que vivem os ribeirinhos – atores sociais indispensáveis à tessitura deste trabalho – contagiados pelos aspectos simbólicos e concretos que contribuem para que deem gozo e zelo à vida nos seringais que dista horas ou mesmo dias da cidade. A Teoria das Representações Sociais é o aporte primeiro nas aproximações que trazemos, principalmente, no que se refere às funções das Representações Sociais apontadas por (ABRIC, 1998), no processo de construção subjetiva sobre a realidade. Utilizamos-nos da entrevista semiestrutura, de fotografias da realidade local bem como da observação enquanto moradora natural da região. A Análise de Conteúdo proposto por (BARDIN, 2004) aponta-nos o que aqui denominamos provisoriedade da verdade. Está impregnado nos moradores um real desejo pela escola tendo-a como veleidade de futuro; o conhecimento de uma vida que ultrapasse os limites das florestas e dos rios cujo imaginário é impulsionado pelo material gráfico colado nas paredes de casa.

Palavras-chave: Escola. Representações Sociais. Ribeirinhos. Imaginário.

THE RIVER BANKERS IN THE AMAZONIAN REALITY CONTEXT: SCHOOL AND SOCIAL REPRESENTATION

Abstract

The residents of the Amazon experience situations of contact with nature constantly. In Mâncio Lima, upstate of Acre State, the geographical location is cut by rivers, virgin forests, natural waterfalls, mountains, wildlife, traditional populations, which are as natural to its inhabitants as a steering wheel to a professional driver. There, when the day dawns and the sun took the position of king star, hangs up the great struggle between the forces of water and the sun will. Its rays enfold the residents who are already standing when the crow start to sing. In this setting live the river bankers who are essential social actors in the developing of this report. Polluted by concrete and symbolic aspects that contribute to give joy and care for life at in places which are hours or even days so far way of the city. The Theory of Social Representations is the first contribution in the approaches that we bring, especially as regards the functions of social representations given by (ABRIC, 1998), in the process of construction on the subjective reality. We make use of the semi-structure interviews and photos of local reality. We also observe the local as natural living of the region. The content analysis proposed by (BARDIN, 2004) shows us what we defines as provisional truth. Here, it is established in the residents a real desire in visiting the school which is considered the only place to move it forward to the future. The school is also seen as the place where the knowledge goes beyond the boundaries of forests and rivers which

¹ Professora na Universidade Federal do Acre – Campus Floresta. E-mail: aldecyczs@gmail.com

² Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: ergandrade@ufrnet.br

should be visualized by the graphic material pasted on the walls of houses

Key words: School. Social Representations. River bankers. Imaginary.

Introdução

O tempo se revela acima de tudo na natureza: no movimento do sol e das estrelas, no canto do galo, nos indícios sensíveis e visuais das estações do ano.

Mikhail Bakhtin Mikhailovitch

Os rios a que me refiro são: o Rio Azul e Rio Mõa. O rio Azul – principal afluente do Rio Mõa – apresenta-se com a característica de um rio perigoso. Segundo os moradores, há uma forte correnteza que exige muita atenção dos navegantes, uma vez que suas águas são escuras. É fundo e de pequena largura, ladeado por uma floresta densa, debruçada sobre ele, beijando as águas e se despindo aos viajantes, que podem coletar as espécies, como se toda a flora fosse um jardim de mistérios e eventos intermináveis. Uma colocação aqui, outra ali, às vezes numa distância que dura mais de uma hora até se avistar o próximo morador.

O rio Mõa diferencia-se, por ser a estrada que leva moradores e viajantes para conhecerem as cachoeiras da Serra do Divisor – um dos mais belos pontos turísticos do Acre. É um rio de maior largura comparado ao outro, mas que, também, impõe suas dificuldades aos navegantes. No verão, por exemplo, fica tão raso que os viajantes precisam descer da pajola³ para desencalhá-la dos bancos de areia que se formam em seu leito.

Segundo debates sobre o aquecimento global, as secas dos rios amazônicos, como as do Rio Mõa, constituem parte do reflexo da ação desenfreada dos homens na exploração dos bens naturais. O rio, contudo, ainda é o único caminho desses povos. (LOUREIRO, 2001), ao se referir às peculiaridades da região amazônica consoante a distância entre uma colocação e outra e sobre o isolamento que os aflige, salienta as vias de instigação ao imaginário desses povos e de seus visitantes. Para o autor,

A Amazônia que sempre se constituiu para os viajantes e estudiosos um espaço delimitado da geografia e cultura, tornou-se também uma extensão ilimitada a instigações do imaginário. Por esta via prazerosa, o homem da Amazônia percorre pacientemente as inúmeras curvas dos rios, ultrapassando a solidão de suas várzeas pouco povoadas e plenas de incontáveis tonalidades de verdes, da linha do horizonte que parece confinar com o eterno, da grandeza que envolve o espírito numa sensação de estar diante de algo sublime [...] contudo, a Amazônia não é uma região fácil de definir e delimitar, a começar pela plurivalência de sentido do termo que a nomeia, que tanto pode significar uma bacia hidrográfica como uma província botânica, um conjunto político como espaço econômico. (2001, p. 69).

³Pequena embarcação que também pode ser chamada de canoa. Geralmente é feita de madeira bem leve como cedro ou visgueiro para deslizar velozmente rio acima, rio abaixo com os passageiros acomodados entre suas próprias bagagens. Assim, viajam expostos ao sol e à chuva, acomodados de tal forma que possibilita um contato rústico com a fauna e flora.

Envoltos numa nuvem de mistérios, matas, rios e sonhos moram pessoas simples, amigáveis e receptivas. A pequena casa fica sempre em cima de um barranco. Coberta de palha tecida pelos próprios moradores, nem sempre existe porta para dividir o espaço privado que os acolhe depois de um dia intenso de trabalhos e buscas. Como descreve Ferrante (2007, p. 21), em algumas casas, a divisória dos quartos não é mais do que um pano encardido, à guisa de porta na entrada do quarto, feito de quatro paredes de paxiúba⁴ a pique amarradas com embiras.

As canoas dançam com o balanço das águas e, ao mesmo tempo em que servem como único meio de transporte para as populações ribeirinhas, servem, igualmente, de brinquedo para as crianças que desde a mais tenra idade são desafiadas a aprender a remar e pegar o timão do motor⁵, conhecer o rio e dominar o instrumento de navegação de que se dispõe. Tal brinquedo também estimula o mergulho nas águas, forçando a aprendizagem da natação, para que as crianças não corram o risco de morrer afogadas. Ali mesmo, onde ancoram as canoas, na subida do barranco fica o banheiro, algo improvisado – uma prancha de madeira apenas, sobre forquilhas tiradas da mata.

Além do trabalho de higiene pessoal, o “porto”, como é chamado o ponto do rio mais próximo das casas, serve para serviços domésticos, quando as comadres falam dos acontecimentos e das novidades do dia anterior, do visitante que aportou, das mensagens que ouviram no radinho de pilha. Riem, conversam, trabalham e se divertem com isso, enquanto adornam seu imaginário sobre a criação e o criador, a vida que tem e a vida que querem ter. Os filhos mais velhos adentram a mata com seus pais em busca dos alimentos e de cuidar das plantações. A aprendizagem se dá pela prática do observar e do fazer.

As mães, com as meninas, cuidam das roupas, de arear as panelas, da limpeza da casa, de preparar o rancho. Além de assumirem o trabalho doméstico, muitas das mulheres que entrevistei também se embrenham nas estradas de seringa⁶ para colher o látex e preparar a borracha ou mesmo na labuta dos roçados, cujas mãos calejadas do terçado e da enxada exibem o orgulho de ser mulher agricultora, seringueira, ribeirinha. A mãe é mulher brava e guerreira, que na companhia do marido, ou mesmo sozinha procura dar conta do sustento familiar, de repassar os ensinamentos de mulher forte e destemida. Segundo (LIMA, 2001, p. 118),

A mulher da mata, no percurso de suas dificuldades, não se encolhe em si mesma, ao contrário, ergue-se ao ruído e a desordem, à necessidade de realimentar o conhecimento, também pela via dos sentidos. Enfim põe-se esguia para dar um abraço que exhibe com maior exuberância e beleza da harmonia plástica, o movimento de acolher, aquecimento afetivo, a química do amor [...] que suporta o riso do desconhecido, o mistério do incognoscível [...] que abre mão da repetição normativa, reatualiza valores antigos, reduz a intolerância, prefigura a eterna metamorfose das formas reais ou imaginárias que permitem dialogar com o mundo.

⁴Palmeira da Amazônia. Quando aberta pelos lavradores ribeirinhos, funciona como tábua de textura irregular, ligada por fibras – material bastante utilizado, principalmente em lugares onde não há condições de beneficiamento de madeira.

⁵Pegar o timão do motor assemelha-se a pegar o volante de um carro. Na verdade, quem pega o timão do motor é o motorista do barco. Esta atividade requer um conhecimento tanto do leito do rio quanto do manejo do próprio motor fixado na polpa da canoa.

⁶Trilho quase imperceptível, sobre folhas e raízes, dobra aqui, endireita ali, abaixa a cabeça acolá para evitar galhos e lianas, ia ligando, no mistério da floresta, uma seringueira a outra. Às vezes a selva fecha-se tanto sobre ela que dir-se-ia pisar-se barroca ensilvada (LIMA, 2001, p. 158). Na Amazônia as seringueiras não estão dispostas linearmente. São plantas que brotam na mata de maneira desordenada tendo o seringueiro que demarcar as trilhas – caminhos por onde percorre da primeira a última árvore sangrando-as para extrair dela o látex e preparar a borracha.

Carmozinda é o exemplo vivo do que seja a mulher ribeirinha: não frequentou a escola por não ter tido a liberdade de estudar. Quando quer saber o significado dos traços grafados nos papéis que cola nas paredes de sua casa, recorre aos seus filhos que frequentam a escola na comunidade onde moram. Nesse sentido, os filhos assumem a condição de lentes que enxergam as letras e as traduzem para a mãe analfabeta. Com seus filhos e sem marido embrenha-se na mata em busca do sustento das crianças no cultivo da roça.

Essa paisagem de matas, mitos, lendas e sonhos é apresentada por LOUREIRO (2001), como uma paisagem mágica. Para ele,

A paisagem amazônica, composta de rios, floresta e devaneio, é completada pelo caboclo como uma dupla realidade: a imediata e a mediata. A imediata, de função material, lógica, objetiva. A mediata, de função mágica, encantatória, estética. A superposição dessas duas realidades se dá à semelhança do que acontece com um vitral atravessado pela luz: ora o olhar se fixa nas cores e formas; ora na própria luz que os atravessa; ora, simultaneamente nos dois. Na interpretação e interdependência entre paisagem imediata e mediata atua o devaneio. Um devaneio que estabelece os contornos do sfumato⁷ estetizante e poetizador da visualidade. Dessa maneira, o homem contempla uma realidade imediata iluminada pela realidade mediata [...] o olhar não se confina no que vê. O olhar, através do que vê, vê o que não vê. Isto é, contempla uma realidade visual que atravessa os sentidos práticos e penetra numa outra margem do real [...]. (2001, p. 122).

O isolamento geográfico a que estão subjugados, por natureza, esses homens e mulheres ribeirinhos da região amazônica, não os impede de pensar estratégias para driblar o que a vida lhes nega. É tarefa de quem desce o rio a cada final de mês, por exemplo, ir aos correios das cidades em busca de catálogos/vitrines – materiais impressos, com os quais é possível adornar seus lares, transformando as paredes de suas casas num imenso painel de retratos, imagens, letras e números apreciados por todos. Diante dessa visão, estranha ao olhar do visitante desavisado, parece existir uma sede pelo saber das letras, dos sentidos que elas exercem quando se juntam em forma de texto, uma vez que a leitura possibilita aos que dela desfrutam, viagens mundo afora; sonhos que não se concretizam, lugares que se veem, mas não se alcançam, imaginários, cujos horizontes não conhecem limites. Tais imagens facultam aos moradores ribeirinhos um olhar que desejam ver mais do que lhes é dado, procurando captar o que não se dispõe visualmente em busca, quiçá, de descobrir a plenitude do invisível. Nesse sentido, parece vislumbrar uma vida e um conhecimento de uma realidade para além da floresta, além do rio.

O retrato do grupo populacional pesquisado apresenta-se de forma diversa, variando a escolaridade e a idade. O grupo que, por vezes, denominamos de atores sociais ou participantes deste trabalho é composto de 30 participantes: 15 moradores do rio Môa; e 15, do rio Azul. O critério de escolha se deu pelo fato de serem pessoas que vivem às margens dos rios, cuja idade e escolaridade autorizam a falar, de si, de seu grupo e da vida. Foram entrevistados 14 homens e 16 mulheres com idade entre 15 e mais de 61 anos.

⁷Segundo Loureiro (2001, p. 49) o sfumato é uma palavra italiana que significa esfumado, zona indistinta, vaporosa, difusa ou esbatida no sombreado dos desenhos. No desenho é um efeito produzido pelo uso da estopa, em vez de pincel. O desenho fica com a sombra esbatida. O conceito tem sua origem na teoria e prática artística de Leonardo da Vinci sobre a pintura. O sfumato (esfumado) é a fusão dos personagens do quadro com a natureza, resultando em algo que confere uma unidade profunda ao trabalho e uma relação de empatia entre natureza humana e natureza cósmica.

Quanto à escolaridade deles, temos a seguinte demonstração: três analfabetos do rio Mõa e três do rio Azul, quatro participantes que assinam o nome⁸, sendo dois de cada rio. Três alunos que estão frequentando EJA no rio Mõa e dois do rio Azul, um aluno que estuda a 7º ano no rio Mõa e dois no rio Azul. Participantes que têm, ou estão cursando o Ensino Médio são cinco do rio Mõa e seis do rio Azul. Participantes com graduação, apenas um, do rio Mõa. Vale salientar que este estudo foi realizado num período que compreende os anos 2006 e 2007, durante a minha pesquisa de mestrado em Educação junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Vale ressaltar, porém, que as entrevistas aconteceram em outubro de 2006.

Amazônia: Imaginário e representações sociais

Falar das representações sociais de escola pelos ribeirinhos significa, antes, compreender a sua implicação na constituição dos conhecimentos difundidos pela própria escola. Isso porque entendemos que, no interior da floresta, há um conhecimento que permite a comunicação entre os membros do grupo em que se articulam os saberes que se circunscrevem no contexto das relações sociais. Tais conhecimentos oriundos do senso comum são, sobretudo, conhecimentos que estão sendo criados e re-criados em nossas sociedades. Para Moscovici (2005), o senso comum é a ciência tornada comum.

As representações sociais são construídas a partir de condicionantes históricos e sociais, de acordo com o grupo a que pertencem as pessoas. Assim, pressupõe-se que os ribeirinhos constroem as representações de escola a partir do contexto em que vivem, do significado que a escola tem para cada uma dessas pessoas e para o grupo como um todo. As representações, por se tratarem de um conteúdo mental, são geradas através das comunicações e das elaborações desses indivíduos. Cada morador encontra uma motivação particular para querer aprender a ler e escrever, que é, ao mesmo tempo, demarcada por construções coletivas.

Chico Mendes⁹, por exemplo, disse em uma entrevista concedida ao professor (PEDRO VICENTE COSTA SOBRINHO, 1997), que queria aprender a ler e escrever para deixar de ser enganado pelo patrão que, ao vender mercadorias aos seringueiros, anotava o dobro da compra, deixando-os sempre na dependência, sem saldo no barracão. O saber do senso comum que é o saber válido para esses povos da floresta parece, assim, se complementar a outro saber oriundo da escola – o saber das letras. Nesse sentido, mesmo no seio das matas permeadas de mitos, crenças, hábitos e lendas, os moradores, pelo contato que estabelecem com pessoas da cidade, têm a florada a sua imaginação, gerando em si mesmos novos desejos de querer conhecer algo que a vida lhes negou pela condição de submissão às normas patronais e pela configuração geográfica de onde habitam. Costa Sobrinho (1992, p. 40) enfatiza que o sistema vivenciado pelos seringueiros recrutados no Nordeste e encaminhados aos seringais da Amazônia “[...] engendrou um dos mais perversos sistemas de exploração da força de trabalho. O homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica as melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável”.

⁸Há aqui uma especificidade. Estes moradores definem-se como quem sabe assinar o nome, mas não sabem ler ou dizem ler pouquinho, portanto não se consideram analfabetos. Outro fator relevante é que metade deles aprendeu a grafar seu próprio nome fora da escola.

⁹Chico Mendes foi um líder sindical conhecido internacionalmente pela garra com que defendia os seringueiros acreanos contra a exploração dos patrões, um escudeiro defensor da floresta. Como todo filho de seringueiro aprendeu a ler tardiamente. Em Costa Sobrinho (2001, p. 80) está grafada a entrevista que concedeu dias antes da emboscada que o levou à morte em 22 de dezembro de 1988.

Permeados pelas vias do imaginário, esses homens e mulheres, desejosos de saber mais, se consolidam enquanto grupo e passam a construir valores outros que os identificam, seja pela afirmação de uma identidade cultural válida, seja pela necessidade de empreender as lutas para o enfrentamento dos processos de exploração. Esses processos, nos altos rios e seringais do Acre, têm configurações específicas, delineadas pelos “coronéis de beira de barranco”, com suas estratégias de dominação pautadas pela ganância e que, para se impor, não abrem mão da violência.

A partir da Amazônia, a figura de Chico Mendes ganhou sentidos múltiplos. Sua luta pela preservação da floresta e pela construção de um modelo de desenvolvimento sustentável, possivelmente se desenha a partir dos próprios ingredientes da cultura local. Talvez possa se falar de certa singularidade das pessoas que moram nos seringais, definida especialmente pela receptividade e simplicidade com que recebem os viajantes. Diferentemente dos centros urbanos onde nos amedrontamos com pessoas desconhecidas que batem à nossa porta, os seringueiros ribeirinhos, ainda que timidamente, querem saber de quem se trata, porque estão ali e as acolhe oferecendo-lhes do que têm. Chico Mendes, por exemplo, diz que é a partir desse contato tímido, caboclo e humilde que consegue aprender a ler, escrever e desencadear um processo de busca por escola para os filhos dos seringueiros. O trecho abaixo¹⁰ é parte de uma entrevista concedida

¹⁰Eu comecei a cortar seringa com nove anos de idade. Invés (sic) de ir pra escola, aprender a ler e escrever aprendi desde cedo a sangrar seringueira. O patrão não deixava filho de seringueiro ir pra escola. Não era do seu interesse, pois o filho do seringueiro ao aprender a ler e contar iria descobrir que o pai era roubado no final da prestação de contas. Além disso, o fato de aprender a ler não aumentava a produção, pelo contrário, ao ir pra escola a gente deixava de ajudar o pai no corte. A minha infância, portanto, foi igualzinha a todos os filhos de seringueiros. Até os dezoito anos era analfabeto. Nos meados de 1961 ou 1962 apareceu uma pessoa desconhecida em nosso barraco. Havíamos há pouco tempo chegado da estrada de seringa e já estávamos começando a defumar o leite. Essa pessoa vinha de viagem, tinha ido ao barracão do seringal comprar mercadorias. Quando ele chegou e nos cumprimentou, eu percebi que ele era uma pessoa diferente. Não se parecia com os companheiros de nossa vizinhança. Nós tínhamos aquela nossa forma tradicional de falar, pessoas humildes, fala de homem da mata. Ele revelou que morava ali perto, três horas de distância de nossa colocação. O visitante logo verificou que eu estava interessado em sua conversa, para mim era curioso encontrar uma pessoa tão diferente. Por gostar de receber as pessoas que viajavam, meu pai ofereceu nosso humilde barraco para que o visitante pernoitasse. Ele tinha uma conversa bonita, falava de política, falava de coisas que eu nunca tinha ouvido falar em minha vida. Fiquei até altas horas da noite ouvindo aquele homem. No outro dia ele convidou meu pai e a mim para ir até sua casa. No dia de folga fui com meu pai até sua colocação. Observei que sua vida era diferente dos outros companheiros seringueiros. Ao tomar conhecimento que eu não sabia ler, perguntou se isso me interessava. Respondi que sim. Foi além e perguntou por que você tem vontade de aprender? Expliquei que era para descobrir o roubo dos patrões. A gente por não saber ler era enganado, e não podia provar que estava sendo enganado. Após ouvir atentamente a minha conversa, se dispôs a me ensinar. Todos os sábados à tarde eu deveria caminhar até sua casa, pernoitaria e durante a noite teria aula. Os primeiros dias foram muito difíceis. Não havia cartilha do ABC. Ele não me ensinava por esse método. Ele começava a ler comigo a história de um jornal, recorte de jornal. Eu não conhecia jornal, nunca tinha visto. Aqueles jornais chegavam às suas mãos com dois ou três meses de atraso. As dificuldades iniciais foram pouco a pouco sendo superadas. Com mais ou menos três meses eu comecei a ler também. Entendia as letras e passei a me interessar muito mais. Com um ano eu já sabia ler e escrever corretamente. Passei a me preocupar com os companheiros de minha região, eles não sabiam ler e escrever. Isso não preocupava meu instrutor, falava que era muito difícil e complicado fazer aquilo com mais pessoas [...] no seringal havia muitos jovens, quase todos analfabetos. Eles se namoravam, rapazes e moças queriam escrever cartas, se corresponder. Eu me coloquei à disposição para escrever as cartas e também a ler. [...] Passei a ser a pessoa de confiança dessa juventude [...] todo mundo vinha me procurar para fazer cartas, fazer isso e aquilo outro. Aproveitei dessa liderança para fazer uma escola. Juntei vizinhos, construímos uma escola e iniciei um processo de alfabetização [...] (COSTA SOBRINHO, 1997, p. 80). [sic].

pelo seringueiro Chico Mendes ao professor Pedro Vicente Sobrinho, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Retrata bem as expectativas, as motivações e as estratégias utilizadas por seringueiros para adquirir contato com as letras.

Para outro morador, a motivação para aprender a ler e escrever veio a partir da vergonha que sentiu quando foi convidado por um vizinho para ser sua testemunha no Fórum. Felismino, aluno da professora Rosa, contou a ela que “olhou pra ele, olhou pra um canto, olhou pra outro e disse: mas eu não posso porque não sei assinar o meu nome”. De volta à sua comunidade, matriculou-se no MOVA (Movimento de Alfabetização) desenvolvido no Estado do Acre. “Era uma escolinha perto, ele estudava à noite. Durante o dia, ele ia lá pra escola e ficava olhando pro quadro e ficava horas e horas lendo aquelas palavras e ia pra casa e ficava olhando as revistas, os livros e tentando soletrar aquelas letras. Hoje ele já sabe escrever o nome e aos poucos está aprendendo a ler”.

Já Belmiro ressentido-se por não ter tido oportunidade de estudar e reclama a falta que lhe faz não saber ler e escrever. Sua frustração, patente, parece ser o motivo pelo qual canaliza suas energias para o estudo dos filhos, para que estes tenham a possibilidade de uma vida diferente da sua. Possibilidade esta antevista principalmente pelas vias do saber escolar, do saber das letras, da possibilidade de desvendar os códigos da escrita, cujos desafios os faz deslocar das margens do saber da tradição ao conhecimento científico. Assim, se expressa o morador:

Eu vejo a escola como uma possibilidade de arrumar um emprego melhor. [...] hoje eu perdi chance de muitos empregos [...]. Até ontem mesmo o gerente lá da GR mandou uma carta lá pra casa – (é que eu sou amigo dele de futebol) – [...] mandando perguntar se eu queria trabalhar [...] que eu mandasse meu currículo que ele ia me colocar. Eu fui lá, conversei com ele, dizendo que eu num podia porque eu num tinha meus estudo completo. Se ele quisesse o da minha mulher! [...] Ele foi pediu pra eu levar. Fui e deixei lá. Perdi outra chance de trabalhar na Guasco, pra ser um operador das máquinas lá. Mas tinha que pegar o manual pra ler, tá entendendo? Perdi o emprego também. Já perdi vários empregos. Trabalho como vigia ganhando um salário, à noite – serviço prestado. Então, era pra mim trabalhar só o dia e à noite tá em casa, tá entendendo? Mas não. Tô arriscando minha vida porque preciso. É ruim, é triste não saber ler. Por isso, dou um duro pra que meu filho vá pra escola. Vou deixar, vou buscar. Meu empenho todo é neles, tá entendendo? Porque vai ser o futuro deles lá na frente. Já que eu num tive oportunidade, que meu pai e minha mãe – tudo analfabeto não ligaram pra mim. (BELMIRO, 2006).

Na verdade as motivações para aprender a ler e escrever vão sendo geradas à medida que as necessidades vão surgindo. Desse modo, é possível visualizar nessas três falas as perspectivas individuais e como os desejos vão se delineando. Trata-se não de um desejo, fruto do acaso, mas oriundo das conversas, dos diálogos e das possibilidades vivenciadas e sentidas, que reforçam benefícios do desvendamento dos códigos da escrita, da necessidade que se tem de saber que os pensamentos se traduzem também pela arte do escrever. Para tanto, é preciso libertar-se da mancha do analfabetismo, imposto pelas condições sociais e históricas do país, ao longo de uma tradição de abandono das classes populares.

Nos altos rios do Acre, a identificação do valor do conhecimento científico, parece não se desenhar a partir de uma apologia às esferas abstratas do pensamento, colocando a ciência acima das outras formas de explicação do universo, mas a partir dos aspectos práticos e até imediatos dos efeitos do saber sistematizado. Quero dizer, com isso, que a validade do conhecimento é percebida quando da aquisição de um bem, como um emprego, uma melhor desenvoltura junto a certos órgãos, uma melhor leitura de mundo, que permita uma intervenção transformadora da realidade.

É válido salientar que, na perspectiva dos ribeirinhos, o conhecimento só se valida mediante as alterações qualitativas que são capazes de produzir na vida de cada um. Isso se percebe nas conversas do dia-a-dia, nas quais se verifica uma nova forma de pensar a realidade, as condições sociais, econômicas e culturais em que estão inseridas, embora, para Chico Mendes, para Felismino, assim como para Belmiro, as motivações sejam diferentes. É possível dizer da articulação palavra-ação aliada à figura de outro. Este outro é aquele que aparece como visitante da comunidade, que traz notícias da cidade e dos benefícios da escrita para as pessoas, uma vez que, quem não sabe ler, assemelha-se a um cego que passa pelos caminhos e não enxerga o colorido das flores, apenas sente o seu perfume. Assim, também o analfabeto se delicia com as informações desde que sejam traduzidas. Enquanto isso não acontece, adornam seus lares com imagens e letras, e não desfrutam das informações ali contidas, apesar de aguçarem ainda mais seu imaginário. Leem as imagens, figuras e retratos com sonhos de um dia poder desfrutar das maravilhas expressas nos painéis ali expostos.

Nesse sentido, as palavras, a troca de ideias, constituem-se como elementos desencadeadores e articuladores de sentido e significados. Para Bakhtin,

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações, em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminhos para os sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudança que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (1992, p. 41).

Neste trabalho, a palavra se caracteriza como uma fonte. Foi nossa possibilidade de acessar a compreensão de como se configuram as representações de escola construídas pelos ribeirinhos e expressas através da própria palavra, materializando-se nas ações, vez que as representações, como enfatiza Abric (1998), é “um guia para a ação”.

Tais representações se modificam e se reestruturam com o novo saber que vai sendo incorporado ao discurso e às práticas dos grupos sociais. Assim,

Toda representação é uma forma de visão global e unitária de um objeto, mas também de um sujeito. Esta representação reestrutura a realidade para permitir a integração das características objetivas do objeto, das experiências anteriores do sujeito e do seu sistema de atitudes e de normas. Isso permite definir a representação como uma visão funcional do mundo, que, por sua vez, permite ao indivíduo ou ao grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências, permitindo, assim, ao indivíduo, de se adaptar e encontrar um lugar nesta realidade. (ABRIC, 1998, p. 27).

O autor salienta, ainda, que

A representação não é um simples reflexo da realidade. Ela é uma organização significativa. E esta significação depende, ao mesmo tempo, de fatores contingentes (as circunstâncias, como diz Flament) – natureza e limites da situação, contexto imediato, finalidade da situação – de fatores mais globais que ultrapassam a situação em si mesma: contexto social e ideológico, lugar do indivíduo na organização social, história do indivíduo e do grupo, determinantes sociais, sistemas de valores. (ABRIC, 1998, p. 28).

Do lugar que cada pessoa ocupa na sociedade, dos papéis sociais por ela desempenhados, bem como das situações perante as singularidades dadas, é que podemos inferir as mudanças. Estas decorrem das escolhas e da tonalidade com que proferem seus discursos. A representação social constitui-se como uma organização cognitiva latente e ao mesmo tempo inconsciente manifestada na comunicação e nas ações práticas de cada pessoa. Diferentemente da representação social, temos a opinião, que se caracteriza como algo pensado, uma espécie de organização do pensamento frente a uma pessoa ou grupo dependendo do relacionamento que estabelecemos com eles, assim como da posição social ocupada no momento. Nesse caso, a opinião pode ser construída por cada um de acordo com o que pensamos que o outro tem de expectativas sobre o nosso posicionamento diante de algo, enquanto a representação social encontra-se na encruzilhada, entre o social e o psicológico – na “construção do sujeito sobre o objeto e não na sua reprodução”. Como enfatiza Santos (2005, p. 25), a opinião é conscientemente elaborada de acordo com o que supomos que o outro gostaria de ouvir.

Para que haja representações sociais de escola nas comunidades ribeirinhas, por exemplo, é necessário antes haver um movimento no sentido de **saber** isso, porque não se representa o que não se conhece, tampouco o que não nos é importante. Identificar a escrita enquanto elemento inteligível, conceituá-la para ser compreendida em seu repertório de conhecimentos, significá-la a partir de outros elementos de referência, associá-la a contextos e outros significados é o que queremos dizer quando insistimos na função de saber na construção das representações sociais.

Saber o que é a escrita, quais suas funções sociais, em que circunstâncias e em benefício do que e de quem é usada e que usos e práticas são desencadeados a partir da aquisição desta habilidade, são dimensões próprias desse saber. Esse processo de tomada de consciência sobre a importância de saber escrever, vai se tecendo, nos altos rios do Acre, à medida que os movimentos sociais vão viabilizando processos de esclarecimentos junto aos povos da floresta. Esses movimentos instalam paulatinamente nos ribeirinhos a necessidade da escola, que não está dada. Impõe-se a necessidade da tessitura da escola, que se borda nas lutas, reivindicações e embates sociais, sendo a escrita uma arma de libertação das amarras trapaceiras dos patrões.

A escrita que, hoje, trafega pelos rios, nem sempre esteve presente por lá. Antes, era objeto de poder, usado de formas escusas. Quem sabia ler por essas bandas era o “doutor”. Doutor da escrita que reconhece as letras e as traduz. Assim como os médicos curam seus pacientes identificando a fonte ou a dor e prescrevendo medicamentos, o doutor traduz as letras que compõem as cartas e bilhetes de amigos, namorados e parentes, dando-lhes vida alegre ou triste, a depender do escondido às sombras das marcas gráficas das letras. Enquanto o doutor lê, contagia o imaginário de homens e mulheres, levando-os àqueles lugares e situações escritos nas cartas e traduzidos em palavras pela voz de outrem.

Sendo as representações um guia para a ação, é a partir delas que se estabelecem os comportamentos sociais a que homens e mulheres encontram-se implicados pelo saber do senso comum e pelo saber da ciência. No dizer de Jodelet (2001, p. 26) “as representações sociais são estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais e integrando – ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação – a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre o qual eles têm de intervir”.

Representações Sociais e suas funções

Abriç (1998) apresenta quatro funções da Teoria das Representações Sociais assim especificadas: **função de saber**, função identitária, função de orientação e função justificadora.

Para o autor, a função de saber é uma função cognitiva que permite compreender e explicar a realidade. Refere-se a um saber prático do senso comum. É esse saber que,

Permite que os atores sociais adquiram conhecimentos e os integrem em um quadro assimilável e compatível com eles próprios, em coerência com seu funcionamento cognitivo e valores aos quais eles aderem. De outro lado, eles facilitam – eles são a condição necessária para a existência da comunicação social. Elas definem o quadro de referência comum que permite as trocas sociais, a transmissão e a difusão deste saber ingênuo. Elas são a manifestação do esforço permanente do homem para compreender e comunicar, esforço, o qual, Moscovici (1981) acredita ser a essência mesma da cognição social. (ABRIC, 1998, p. 28-29).

Tal função engendra nos homens e mulheres ribeirinhos uma compreensão idealizada da leitura e da escrita, como algo que os libertará de uma condição de cegueira que não deixa ver o que o patrão escreve em seu borrador; o que está grafado quando precisa assinar um documento; a recusa em um emprego pela inaptidão para realizar as tarefas que exigem leitura e escrita. Essa possibilidade de recobrar a visão se origina no conhecimento acumulado no cotidiano de suas relações entre o mundo da floresta e o mundo urbano. O saber da escrita é que lhes possibilitará a entrada em uma melhor condição de vida, já que seus conhecimentos, por si só, não são suficientes para tanto. O conhecimento escolar, nesse sentido diz respeito à descoberta e à construção lenta, paulatina e transformadora, que, para se consolidar, precisa colocar-se em outro patamar, diferente do das aventuras normais, como saber nadar, plantar, caçar, cortar seringa. A experiência do conhecimento escolar se realiza nas relações sociais e grupais, e é partir destas que incorporamos novas formas de ver e entender o mundo que nos cerca. E é também nessas relações, que sentimos a necessidade de um **saber mais** que nos permite a interação com os outros e que aprimore nosso ser no mundo.

A função **identitária**, para (ABRIC, 1998), “além da função cognitiva de compreender e explicar situa os indivíduos dentro do campo social permitindo a elaboração de uma identidade social e pessoal”. O dizer-se mulher agricultora, pescadora, que, mesmo sem a companhia masculina, dá conta do sustento e da educação das crianças, pondo-as na escola para não vê-las crescer “burros”, identifica essas mulheres como guerreiras e destemidas em busca da sobrevivência e pertencentes a um grupo específico. Mesmo sabendo que situações semelhantes existem mundo a fora, tais mulheres se constituem mulheres da floresta ao articularem diversos elementos neste constituir-se: a braveza do roçado, as madrugadas em que se suprimem o sono para cortar seringa, o trabalho sobre o sol que arde, horas a fio no timão do motor para chegar à cidade, tarefas para quem tem uma vida entremeada com a natureza, assemelhando-se a ela na braveza dura da vida. Isso não significa dizer que sejam habilidades que não possam ser adquiridas, mas, a princípio, amedronta os iniciantes cuja vida se pauta a partir de outros paradigmas.

Esses povos, que de tudo fazem nos seringais, não sabem o que fazer quando têm que trabalhar na cidade. Félix nos conta do sofrimento e do esforço desprendido quando sua mulher adoeceu na madrugada escura e calada do seringal. A despeito das dificuldades do isolamento, para Félix, “a vida lá é boa porque não está no meio da zoada, da bebida e do desaforo das pessoas”. Morar nas margens dos rios tem suas vantagens, mas, por outro lado, é uma vida permeada de dificuldades, embora estas não diminuam o apego e a saudade dos que saem. Vejamos o relato melancólico do ribeirinho expulso de sua colocação pela necessidade de sobrevivência familiar:

Eu saí do seringal, posso te dizer, quase que obrigado porque minha mulher adoeceu, né? Nós tava desmanchando um roçado e nós terminemo de jantar e tinha uma ruma de massa imprensada quando ela começou a dizer que tava com uma coisa ruim. Eu disse: rapaz é porque tu tava com fome e terminou de jantar. Mas não

era não. Com pouco tempo ela começou a provocar sangue. Daí já passemos a noite acordado com ela [...] se não fosse isso eu ainda tava lá. É a minha terra, a terra que eu gosto [...] quando meu filho vem aqui, e a gente fica conversando, eu fico quase chorando com vontade de ir com ele e não posso. Minha mulher não pode ir e agora meus filhos estudando eu não posso tirar da aula porque é o futuro deles. (FELIX, 2006).

A melancólica descrição do seringueiro, pontuada de paixão e saudade das coisas do rio, alia-se à ausência de trabalho e de perspectivas de vida na cidade. Nesse caso particular, o homem encontrava na mata e nos rios o sustento da família. “Na cidade tudo é comprado. Se o camarada não tiver dinheiro, não come. Quase não tem trabalho para quem não sabe ler.” De que serve agora sua espingarda, já que também não tem bichos para serem caçados? De que vale os utensílios de pesca, se os rios urbanos transformaram-se em pequenos córregos poluídos? De que vale um terçado, uma enxada e um machado se não há terra para cultivar? As inquietações próprias da mudança para a cidade não escondem, contudo, a aposta numa vantagem especial: a possibilidade da escola como um caminho para o futuro. É como se o saber ler constituísse condição *sine qua non* para arranjar emprego, sobretudo para sobreviver.

Diferentemente da situação masculina e da regulação familiar, há nos seringais a situação das mulheres que também conduzem a vida nas barrancas dos rios: pescam, plantam, colhem, comandam o barco na descida para a cidade. E, contentes ou não, cantam e contam os fatos e feitos, celebram a vida, manifestam desejos de querer algo mais. Para Lima, ,

A mulher oriunda dos confins do mundo, da floresta acreana, faz o percurso de Lilith e se torna o resultado da unidade de suas estações, encarnando-a numa nova condição feminina. Esta forma de ser mulher representa, na verdade, um eco do passado longínquo, sem esquecer o tempo mais recente, resgatado num momento de profunda dificuldade, o momento em que se separa dos domínios masculinos. A Lilith do interior das matas faz indagações, dialogando consigo mesma sobre os mistérios da alma, da carne, do amor e da morte, do feminino e do instinto, restituindo-nos idéias, emoções e vontades perdidas nas ‘ars’ do somente racional. Nunca dá respostas prontas e acabadas. Leva-nos a adentrar na sua complexa realidade, cujo conteúdo é sombreado pelo olhar vigilante. Ressurge, por entre as curvas da espiral do domínio, transpassando épocas, subvertendo conceitos oficiais, para recriar o seu próprio modo de viver. (2001, p. 13).

Para os homens e mulheres da floresta o contato destemido com o solo e com a mãe natureza os encoraja e os faz homens e mulheres temerosos dos mitos e lendas das matas cujo objetivo, ainda que os moradores não se deem conta disso, parece ser a própria proteção da floresta. O respeito pelos mistérios ali contidos os faz temer e ao mesmo tempo se harmonizar com a mata, com os rios, com os bichos – pedindo licença à mãe d’água e à mãe da mata para usufruir as suas benesses. Um caçador que desobedeça às leis naturais ali contidas será castigado pelo seu desrespeito: ou ficará panema¹⁰ ou será surrado pelo caboclinho¹¹ ou mesmo

⁷Uma espécie de azar dado ao caçador por alguém da comunidade que, desavisado, descuida os ossos do bicho jogando em lugares proibidos pela “ciência da caça”. Para Souza (2002, p. 83), os mais supersticiosos caçadores seringueiros acreditam na existência do panema. Situação em que ficam azarados para matarem caças. Não conseguem matar nenhum animal na floresta. Fazem pontaria. Atiram e erram. Não enxergam o animal a sua frente. Passam bastante tempo para conseguir carne de caça. Acreditam profundamente no azar de um caçador com panema. Por isso tentam evitar as situações que a causam. É extremamente constrangedor um caçador panemado. Os caçadores seringueiros evitam doar carnes de suas caças às pessoas invejosas. Os invejosos podem enterrar os ossos do animal no fogão de barro ou até mesmo jogá-los na privada. Podem chegar ao extremo de realizar suas necessidades fisiológicas sobre esses ossos. Tudo isso são fortes motivos para panemar um seringueiro caçador.

posto para correr assustado com o batedor¹².

A identificação desses grupos se registra pela sua singularidade diante da vida. Esses homens, mulheres e crianças que se harmonizam, querem ao mesmo tempo ser identificados como alguém que sabe para além da floresta. Querem suas casas adornadas com coisas das cidades. Por não dispor de tinta para pintar as paredes das casas, aproveitam o papel que tem para adornar seus lares. Ressaltamos aqui que as paredes das casas dos ribeirinhos quase sempre são erguidas sobre paus roliços tirados ali mesmo na mata, enquanto a paxiúba serve de assoalho e separação dos espaços, quando há: quarto de dormir, sala e cozinha.



Figura 1 – Casa ribeirinha. Comunidade República – Rio Mõa.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A imagem da casa, FIGURA 1, representa aquilo que os ribeirinhos são. Aquilo que a vida

Outros caçadores não permitem que mulheres gestantes comam de suas caças. Isso dá panema. Da mesma forma acreditam que um homem picado por cobra pode até morrer se for visitar uma mulher nesse estado. Para a cura, para voltarem a ser bons caçadores fazem remédios do mato. Pegam o tipi, a pena da Nambu Azul, o cabelo do porquinho do mato, o cabelo de veado, colocam dentro de uma panela. Fervem. E recebem o vapor, a fumaça da mistura. Após isso estão novamente habilitados às suas caçadas.

¹¹ Segundo os moradores ribeirinhos, o caboclinho é um fiel protetor das matas. Uma figura incomum que circula pela floresta intimidando caçadores. Açoita os desobedientes das normas e regras da natureza. A pessoa castigada fica com o corpo todo dolorido. Dizem até que as marcas do acontecido ficam registradas pelo capim amassado onde o corpo foi jogado e surrado pelo caboclinho da mata.

¹² O batedor segundo os moradores ribeirinhos participantes desta pesquisa, constitui-se num mistério que os intriga. É uma batida forte. Se o morador desobedecer às leis naturais tipo: ir caçar na sexta-feira-da-paixão ele logo será punido pelo batedor. Este assusta e põe para correr os desobedientes. Os mais atrevidos insitam-no dizendo: “vem bater mais perto”. E ele vem! A pancada fica mais forte à medida que se chama para bater mais próximo. Chega a bater nos pés do camarada. Os moradores se assustam e se intimidam diante do mistério de tal batida, uma vez que não vêem nada, apenas se ouve o barulho forte. É como se fosse a mãe da mata pondo os desordeiros para fora de seu espaço.

lhes permite ter e usufruir. A engenharia simples equivale também à simplicidade dos hábitos e costumes locais, que, se por um lado, deixa a desejar no quesito conforto, não poupa bem-estar, uma vez que os esquemas de proteção requeridos nas casas urbanas são completamente desnecessários nas margens dos rios. Os ribeirinhos abrem mão de paredes fechadas, de muros, cercas e divisórias complexas. O exemplo típico das moradias ribeirinhas compõe-se de uma cobertura de palha, que eles próprios recolhem da mata e tecem formando o que denominam de “panos de palha”, servindo para cobrir a moradia protegendo-os do sol e da chuva. Esse tipo de cobertura dura aproximadamente três ou quatro anos, tendo, em seguida, que ser trocada, devido ao desgaste natural que passa a incomodá-los com as constantes goteiras nos períodos de chuva.

Na cidade, por exemplo, esse tipo de moradia não seria adequada, dada a visita inoportuna de vândalos. Nos seringais, impulsionados pelas condições econômicas e culturais locais, distinguem-se pelas suas particularidades. Ainda há o hábito da vizinhança de receber, de bom grado, os visitantes que aportam, oferecendo-lhes espaço em seus casebres para “passar a rede” (expressão corriqueira, típica da linguagem ribeirinha que significa armar a rede – o tipo de acomodação para dormida mais usada nos seringais, tanto pelos moradores quanto pelos viajantes devido a sua praticidade em transportá-la). Ali, dormem com o eco dos bichos noturnos sentindo o frio das madrugadas e despertando logo cedo ao raiar do sol, com o qual a floresta ainda orvalhada os recebe prontamente para as rotinas diárias.

Quando se fala da identidade ribeirinha, as ideias que nos vêm à mente, principalmente a mim, enquanto moradora natural da região amazônica são: a colagem de papéis nas paredes de suas casas, o contato harmonioso com a natureza, os saberes e imaginários que os inscreve como sujeitos da mata. Lá, os papéis constituem-se num imenso painel exposto sempre para ser apreciado, para protegê-los do frio nas madrugadas, que passa nas frestas da parede de madeira e/ou paxiúba. Ressaltemos, entretanto, que não é qualquer papel que é colado nas paredes – apenas os mais significativos, chamativos pelo colorido do desenho ou da expressão dos artistas, dos políticos, dos santos. Papel em branco serve, dentre outras coisas, para fazer cigarro, escrever bilhetes/cartas, menos para ficar exposto na parede.

Aliada à função identitária, Abric (1998) apresenta, também, a função de **orientação** – elas “guiam os comportamentos e as práticas”. A identidade demarcada se constitui em elementos articulados num todo coerente que vai guiar a ação e as práticas desses moradores a partir de marcadores de pertencimento que foram elaborados coletivamente e consolidados no grupo. O respeito pela natureza traduzido pelo temor/respeito aos mitos e lendas da floresta parece orientar esses povos para a preservação do meio ambiente – habitat natural no qual se confundem homem/mata sem agressão ao que lhe é dado como uma dádiva. É essa função que define “o que é tolerável e intolerável no contexto social”, guia as formas de conduta e relação no contexto da existência grupal e possibilita o sentimento de pertencimento e estranhamento necessários à vida social.

Quanto à função **justificadora**, Abric (1998) enfatiza que é uma função que permite, a posteriori, a justificativa das tomadas de posição. Quando um ribeirinho analfabeto diz: “se meu filho aprender a ler e escrever ele não será o que eu sou”, ratifica o porquê de ter sido analfabeto ao longo da vida dedicando-se ao trabalho braçal como forma de sobrevivência. Faz, ainda, emergir a compreensão que tem de seu situar-se no mundo e na busca de uma nova condição projetada nos filhos. Justifica-se, assim, o esforço em reivindicar escola para sua comunidade, em desdobrar-se nas labutas árduas do dia-a-dia, no sacrifício que faz para os filhos irem à escola e nela permanecerem. Há o incentivo para que esses venham morar na cidade, hospedados nas casas de parentes, com intuito de frequentar a escola cujas séries não são oferecidas nos

seringais. Ao afirmar a possibilidade de ser algo diferente do que ele próprio é, denuncia outras representações associadas à da escola: representações de trabalho, de floresta, de cidade e da escrita. Traz à tona a questão da valorização social de seu contexto de trabalho e vida e as implicações disso para a construção da própria identidade.

Vê-se, nos depoimentos e nas ações dessas pessoas, aquilo que (MOSCOVICI, 2005) enfatiza em sua teoria como sendo processos fundamentais à elaboração das representações sociais – a ancoragem e a objetivação. Por ancoragem, entende-se o processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em elemento de nosso sistema particular de categorias. Desencadeia-se um processo de reconhecimento do novo, buscando, simultaneamente, sua categorização e classificação no repertório já configurado do grupo.

Ancorar é, para Moscovici (2005, p. 61), “classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e não possuem nome, não existentes e ao mesmo tempo e, por isso mesmo, ameaçadoras”. Santos (2005) enfatiza que a ancoragem implica atribuições de sentido; na instrumentalização do saber e no enraizamento no sistema de pensamento.

A objetivação inscreve-se no campo das ações práticas. Ou seja, enquanto a ancoragem está no campo das ideias, do pensamento, da subjetividade cognitiva, a objetivação é a própria ação dos indivíduos desencadeada a partir do momento em que ancoram novas ideias, novas formas de pensar e se relacionam com seu grupo social a partir das novidades. Para Moscovici, (2005, p. 71).

A objetivação une a idéia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação parece, então diante de nossos olhos, física e acessível [...] objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma idéia, é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância.

As funções da Teoria das Representações Sociais articulam-se mantendo um encadeamento entre as ações dos indivíduos. Ou seja, há um saber que é preponderante para que haja, de fato, uma representação e para que os membros continuem comunicando-se uns com os outros no grupo a que pertencem, bem como com outros grupos. Identifica-os enquanto membro de um contexto social específico, guiando-os nas ações práticas do dia-a-dia em respeito a normas previamente estabelecidas ou negociadas entre eles ou mesmo geradas a partir das novas demandas sociais.

Pensamos, entretanto, que as representações sociais constituem-se num modelo de pensamento que não é racionalizado, mas que serve para agir no cotidiano. A representação não está ali para servir como parâmetro de julgamento do que seja certo ou errado, verdade ou mentira. São elas, as representações, que guiam nosso viver. Enfatize-se, entretanto, que quando há questionamento sobre a representação é porque já há uma tendência a mudá-la, posto sua flexibilidade em detrimento da estaticidade.

Saber ler parece ser uma proteção, uma espécie de esteio que sustenta o modo de pensar sobre a escrita e, a partir daí, constroem a ideia de que a escola pode ser uma via de minimizar a exclusão social, de arranjar um emprego melhor na cidade e deixar a labuta embaixo do sol “puxando cobra para os pés¹³”.

¹³Expressão corriqueira usada nos meios rurais pelos agricultores da região acreana, que ainda não tiveram acesso aos modernos equipamentos e maquinários para uma agricultura de larga escala. Estes agricultores conhecem apenas os equipamentos mais rudimentares de trabalho como o terçado, enxada, machado com os quais trabalham em suas lavouras. Dado o sofrimento diário nos roçados sobre o sol quente, sonham com uma “vida mansa” trancados num escritório ou mesmo na sombra de um pequeno comércio.

Nas comunidades ribeirinhas, parece existir um imaginário sobre o mundo da escrita que permeia a vida dessas pessoas. O fato de colar papel nas paredes de suas casas, que surpreende o olhar do visitante, para eles cristaliza-se como um hábito de há muito assumido como adorno comum nas casas das beiras dos rios. É como se fosse a sintonia que estabelecem com as coisas da cidade, com as letras, com as imagens, com as fotografias. Um fato curioso dessas imagens é quanto às fotografias de políticos que são coladas nas paredes. Na verdade, eles não querem saber se a fotografia (cartaz) é de um político do partido A ou B. Há moradores que colam, independentemente se é seu candidato ou não. O importante no imaginário desses povos é a sintonia que estabelecem com o material impresso, seja pela beleza física da pessoa, pela sua capacidade intelectual ou mesmo pela eloquência do discurso que proferem. Esses são os requisitos que validam a exposição na parede, além do colorido e do fato de trazerem o urbano para seu mundo. Para Violeta, a coisa mais bonita que acha é quando vai da cozinha para a sala e vê a parede de sua casa repleta de papéis coloridos. Diz a moradora:

Eu pregava papel na parede e achava muito bonito. Assim (...), a parede cheia de papel. Pra mim aquilo era um divertimento, porque eu enchia a parede de papel. Aquilo pra mim era uma vantagem, né. [...] a gente lê um pouco e depois prega esses papéis na parede. Passava a manhã pregando. [...] como a gente não tinha uma cortina, a gente enchia a parede era de papel. (VIOLETA, 2006).

Porém, há uma intencionalidade do capital que influencia a formação do imaginário das pessoas ou dos grupos, a que Teves (1992, p. 21) chama de **máquinas de sedução**. Na verdade, o imaginário das pessoas está sendo construído, cada vez mais, do ponto de vista da sedução e do interesse do capital, do que propriamente daquilo que constitui a vida delas. O imaginário social foi sempre construído por forças de poder. Por exemplo, no mundo medieval – a religião torna-se elemento constitutivo do imaginário social. Na modernidade, é a ciência e a tecnologia. Balandier (1997) enfatiza que:

O imaginário permanece cada vez mais necessário; é de algum modo o oxigênio sem o qual toda a vida pessoal e coletiva se arruinaria. É feito das imagens que cada um cria a partir da apreensão que tem de seu corpo e de seu desejo, de seu ambiente imediato, de sua relação com os outros, a partir do capital cultural recebido e adquirido, bem como das escolhas que provocam uma projeção no futuro próximo. (BALANDIER, 1997, p. 232).

Embora o contato direto com a produção científica e tecnológica não seja experimentado por todos, cada um possui suas próprias imagens da ciência e da tecnologia. Nos seringais da Amazônia, e mais especificamente nos rios a que nos referimos neste estudo, não existe televisão. Os moradores findam driblando essa situação e buscando, através do material impresso que lhes chega às mãos, essa sintonia com a cidade, que obviamente é permeada pelo jogo da sedução do capital. Ali, estão os mais belos rostos (modelos das vitrines e/ou catálogos); as roupas da moda; o corte de cabelo usado no momento; a cor predominante nos vestuários; a música que toca nas paradas de sucesso. Mesmo que, em situações mais precárias de acesso às novas tecnologias, os ribeirinhos usufruem do “radinho de pilha” que anuncia, em suas programações, as lojas da cidade, onde comprar seu motor, as promoções de venda de produtos, facilidade no pagamento, etc. Para Balandier,

[...] o imaginário trabalha então para produzir compensações, que tornam as formas mais diversas de acordo com as condições sociais e as faixas etárias: êxodos de fins de semana, sobre-vestimento emocional durante os períodos de lazer, valorização da residência secundária que parece restituir a natureza e a comunidade, descon-

exões no mesmo lugar através de máquinas de fabricar sonhos e extravasamentos, transgressões e experiências à margem. No extremo, a única saída é o desligamento, que tem sua força na certeza de uma vida mais verdadeira além de: nas viagens (o novo nomadismo), nos refúgios comunitários (o neo-urbanismo), em antigas atividades (o neo-artesanato). O espaço imaginário já não é mais o do ordenamento, mas o das fugas. (BALANDIER, 1997, p. 247).

Essas informações provocam, nesses moradores, uma espécie de transposição para outros contextos possibilitando ir além do dado, da realidade, do horizonte das matas e das barrancas dos rios, reforçada pelo desejo de conhecer as coisas da cidade, as letras, os números, a moda. Muitos moradores contemplam as imagens pelo seu colorido, pela sua beleza. Esses momentos de contemplação os levam a sair de si, como se atravessassem as paredes da casa, voassem por sobre as matas cruzando os rios e chegassem às cidades, paisagens, lugares possibilitados pela imaginação, porém, incitados pelas figuras/imagens que adornam seus lares. É hábito nessas comunidades ribeirinhas, as conversas de “boca da noite”. Vão chegando os compadres e as comadres, atravessando estreitos caminhos na mata, para um “dedo de prosa”. Nesse ritual coletivo falam dos acontecimentos, dos planos para o dia seguinte, combinam as caçadas, acertam as trocas de serviços nos roçados, as baixadas, ouvem as mensagens do rádio e voam juntos para outras realidades.

Nesse sentido tecem fios de uma história que faz parte do ritual daquela comunidade. Se houver visitante, esse também terá vez nos turnos das falas, isso porque ele quase sempre é da cidade e, conseqüentemente, conta as novidades, as histórias. Fala dos lugares que conhece, das viagens que fez. Incita, na verdade, o imaginário dessas pessoas despertando nelas algo para além da floresta, além do rio. Para Balandier (1997, p. 241), “[...] o imaginário encontra sua substância nos espaços, mas vai além: projeta-se neles, inscreve-se neles tornando-se inventor de situações construídas”.

Graças a essas vias imaginárias, os homens, mulheres, jovens e crianças ribeirinhas sintonizam-se, ainda que timidamente, com os aspectos da modernidade. A velocidade com que se propagam as informações ainda é tênue, mas vão chegando aos poucos nas canoas, botes, nos materiais gráficos coletados na cidade e pelas ondas do rádio. Com todos os agravantes do isolamento geográfico, os ribeirinhos se dirigem para além do aqui e do agora, buscando escapes através dos instrumentos de que dispõem.

Referências

ABRIC, Jean Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Paredes; OLIVEIRA, Denise Cristina de (Orgs). **Estudos interdisciplinares em representações sociais**. Goiânia: Ab. 1998.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BALANDIER, George. O imaginário na modernidade. In: BALANDIER, George. **O contorno: poder e modernidade**. Tradução Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Tradução Luiz Alberto Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Pt: 70, LDA, 2004.

BELMIRO. Entrevista. Mâncio Lima-AC. [10] outubro, 2006.

FELIX. Entrevista. Mâncio Lima-AC. [11] outubro, 2006.

FERRANTE, Miguel Jeronymo. **Seringal**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2007.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro: Ed da UERJ, 2001.

LIMA, Elane Andrade Correia. **A nova condição feminina**: as mulheres do seringal. 2001. 160 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Escrituras; São Paulo, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Editora Universitária da UFPE; Ed da UFAL, 2005.

COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. **Capital e trabalho na Amazônia Ocidental**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____ **Exercícios Circunstanciais**. Natal, RN: Coivara, 1997.

SOUZA, Carlos Alberto de. **História do Acre**: novos temas, novas abordagens. Rio Branco, AC: Editor Carlos Alberto Alves de Souza, 2002.

TEVES, Nilda. O imaginário na configuração da realidade. In: TEVES, Nilda (Org.). **Imaginário social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphos: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992. p. 03 – 33.

VIOLETA. Entrevista. Mâncio Lima-AC. [11] outubro, 2006.